

POR RICARDO JACOMASSI,
ECONOMISTA-CHEFE DA HEGEMONY
PROJEÇÕES ECONÔMICAS
✉: RICARDO.JACOMASSI@HEGEMONY.COM.BR



SÉRGIO BRITO

“O PROBLEMA É A OFERTA, E NÃO A DEMANDA”

Um dos documentos mais importantes divulgados pelo Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, traz uma resposta clara ao mercado: *“O problema é a oferta, e não a demanda, prezado Ministério da Fazenda!”*. Esse relatório do Copom, cujo conteúdo teve a oportunidade de ler (78 parágrafos da Ata da 172.^a Reunião), é importante para visualizar perspectivas sobre o desempenho da economia nacional.

Não é novidade que a economia brasileira está atravessando um intervalo de mudança estrutural. Então, o frenesi causado pelo aumento do consumo dos brasileiros foi saciado pela compra de produtos importados, suprimindo a participação da oferta dos bens de consumo gerados pela indústria nacional. Conclusão? A oferta superou a demanda, que consequentemente acionou mecanismos protecionistas do governo em vez de estimular a competitividade.

Esse passou a ser o foco das atenções dos Ministérios da Fazenda e da Indústria e também do Desenvolvimento e Comércio ao longo de 2012. Ouviu-se ainda mais: como vamos proteger em vez de como seremos mais competitivos – ou seja, em lugar de agir em favor do aumento da produtividade, as ações foram voltadas a manter o *status quo*.

Análise detalhada

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano passado a indústria teve queda de desempenho de 2,7% em comparação ao resultado de 2011. Dos 27 setores industriais pesquisados, 14 diminuíram a produção. Há cinco trimestres a produção da indústria brasileira vem apresentando redução.

Esse cenário mostra que há algo de estranho acontecendo na economia brasileira. Um conjunto de fatores que formam o “custo Brasil” explica al-

gumas causas desse contexto, que até o momento, no entanto, não foram atacadas pelos responsáveis da política econômica.

A regra de ouro para o empresário investir – a expansão do consumo – deveria estar impulsionando os investimentos produtivos. O que se observa, contudo, é totalmente o contrário. Todos os indicadores de investimento mostram que falta confiança na economia (e confiança é o pilar invisível que sustenta qualquer economia).

A perda de confiança do empresariado é motivada pelas ações desastrosas do governo federal, como práticas de determinação de taxas de rentabilidade dos investimentos em infraestrutura, leniência com a inflação, estímulos exagerados do consumo doméstico, atuação arbitrária no mercado cambial e a fala errática do Ministério da Fazenda sobre as previsões do Produto Interno Bruto (PIB).

O que esperar deste ano?

O ano de 2013 será de ajuste após as medidas monetárias e fiscais dos últimos 18 meses. É incerto o momento sobre as trajetórias dos preços, pois as expectativas foram contaminadas pelo reflexo da alta de preços dos combustíveis e da redução da tarifa da energia elétrica.

A meu ver, dificilmente as empresas baixarão os preços de seus produtos por conta da redução da tarifa elétrica, pois, após cinco trimestres de sofrimento, manter os preços seria um alento para garantir alguma margem de lucro agora.

As tomadas das decisões dos empresários neste momento estão, infelizmente, atreladas às ações de governo e das leis naturais que regem o mercado. Carregar toda essa incerteza do horizonte econômico nas costas está sendo cansativo. Como investir? Aos leitores a seguinte resposta: a culpa não é dos empresários. ■

“A perda de confiança do empresariado é motivada pelas ações desastrosas do governo federal”